



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes - 100 anos da participação do Brasil na I GM

ANO 2018

SETEMBRO

Nº 290

GENERAL GEORGE SMITH PATTON

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-george-patton.phtml>

Carismático, rebelde e bronco, o polêmico líder dos americanos na Europa causou mais de um milhão e meio de baixas ao inimigo



Foto: Getty Images

Conheça a trajetória do general

Polêmico, extravagante, patriota e anticomunista ferrenho, o general norte-americano George Smith Patton (1885-1945) foi um dos personagens mais extraordinários da Segunda Guerra Mundial. No comando do 3º Exército dos Estados Unidos, ganhou notoriedade por cruzar a Europa a uma velocidade espantosa, percorrendo 2 mil quilômetros e reconquistando 200 mil quilômetros quadrados de território. Seus homens libertaram cerca de 12 mil cidades e povoados, fizeram 1,2 milhão de prisioneiros, deixaram 386 mil feridos e mais de 144 mil soldados mortos.

Patton era odiado e amado na mesma proporção por seus comandados. Certa vez, esbofetou um soldado que chorava num hospital militar, após a tomada de Palermo. "Você é um covarde. Não vou

permitir que um safado poltrão chore na frente de outros feridos. Mandem-no para o front", esbravejou o "bode velho", como também era conhecido o general.



Patton em 1944 (Getty Images)

Uma atitude grosseira, que parecia não combinar com um homem casado, duas filhas, que tratava seu bull terrier Willie com desmedido carinho, falava francês, compunha poesias, gostava de desenhar seus uniformes e portava uma pistola Colt 45 com cabo revestido de marfim e suas iniciais gravadas em preto.

Mais extravagante que isso só o fato de acreditar em reencarnação. Patton jurava ter lutado em Tróia, engrossado a s legiões romanas de Júlio César contra Átila e participado das guerras napoleônicas. "Ele era um militar personalista, rebelde e talentoso, que virou mito no Pós-Guerra", afirma Carlos Eduardo Riberi Lobo, professor de Relações Internacionais do Centro Universitário Assunção - Unifai.

Ascensão

Por conta de sua incrível capacidade de liderança e domínio da artilharia motorizada, Patton experimentou ascensão meteórica no Exército. Quando os Estados Unidos entraram na Segunda

Guerra, em 1941, o general Dwight Eisenhower, ex-companheiro dos tempos de caserna e comandante supremo dos aliados, convocou-o imediatamente. Não se arrependeu.

Em novembro de 1942, sob a liderança do estreante Patton, o Marrocos, a Argélia e boa parte da Tunísia foram libertados - o general alemão Erwin Rommel e seu famoso agrupamento de tanques Afrika Korps ficaram encurralados na capital, Túnis.



Na Sicília, em 1943 (Getty Images)

Como ressalta Antonio Pedro Tota, professor de História Contemporânea da PUC-SP, o 3º Exército dirigido por Patton tornou-se referência militar. "Foi o mais longe, o mais rápido e combateu mais divisões em menos tempo que qualquer outro exército na história dos Estados Unidos."

No sul da Itália, Patton escancarou sua rivalidade com o general britânico Bernard Montgomery, um dos aliados com quem mantinha inequívoca disputa. O outro adversário era o então vice-comandante Omar Bradley, que o ultrapassou na cadeia de comando graças, sobretudo, ao caso do bofetão, mencionado anteriormente.

Foi para ele que Patton perdeu a direção da Operação Overlord, o desembarque aliado na Normandia (1944), na França, a maior invasão marítima da história, com quase 3 milhões de soldados.

Operação Husky

Na Sicília, Patton recebeu ordens superiores para defender os flancos de Montgomery, que encontrara inesperada resistência ao tentar encerrar o inimigo e precisava de auxílio. O papel de coadjuvante não foi bem digerido.

Simulando problemas na transmissão, o general americano seguiu sua estratégia e conseguiu resgatar o restante da ilha, chegando à frente do rival. A Operação Husky foi a maior batalha de blindados de todos os tempos, e levou à prisão de Mussolini e ao fim do regime fascista na Itália.



Em agosto de 1944, enquanto conversava com soldados (Getty Images)

Com o fim da guerra, Patton foi designado para um posto administrativo na Baviera. Três meses depois de sair da ativa, em dezembro de 1945, um tanque sem freios esmagou seu veículo.

Gravemente ferido, morreu em 21 de dezembro e foi enterrado em Luxemburgo, ao lado dos combatentes mortos na batalha de Ardenas. Até hoje, é o único general americano sepultado fora de sua terra natal.

Com a palavra, George Patton

"Quando eu quero que meus homens se lembrem de alguma coisa muito importante, capricho nos palavrões. Pode não soar bem entre um bando de velhinhas, mas ajuda meus soldados".

"Nunca aceite seus medos como conselheiros"

"O objetivo da guerra não é morrer pelo seu país. É fazer o idiota do outro lado morrer pelo dele".

"Nunca diga às pessoas como fazer as coisas. Diga-lhes o que deve ser feito e elas o surpreenderão com sua engenhosidade".

"O que é sucesso? É aquele impulso com que você pula depois que bateu no fundo".



Getty Images

Nota do Editor: O Gen Patton sofreu um acidente que não ficou bem explicado. Existem versões sobre um atentado à sua vida. A morte dele, gravemente ferido, em 21 Dez 1945, é um dos maiores mistérios da II GM. Ele sofreu ferimentos graves em um acidente de carro em Mannheim, Alemanha, quando um caminhão colidiu com o seu automóvel. Quando se pensava que estava se recuperando e próximo a voltar para os EUA ele faleceu, três meses depois de entrar para a reserva do Exército. Foi enterrado em Hamm, Luxemburgo, junto aos combatentes mortos na Batalha das Ardenas. É o único general americano sepultado fora de sua terra natal.



COREIA: ONDE A GUERRA FRIA FERVEU

(<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/tags/guerra-fria>)

Há 65 anos, terminava a Guerra da Coreia. Em 3 anos, até 3 milhões pereceram no pior conflito da Guerra "Fria".

Ao final da Segunda Guerra Mundial, o espólio japonês disputado entre os vencedores incluía a península coreana, no sudeste asiático, onde o Exército Imperial havia permanecido por muito tempo como força de ocupação. Na corrida que se seguiu aos últimos dias do conflito, os até então aliados soviéticos e americanos ocuparam a Coreia, dividindo-a ao meio, na altura do paralelo 38.



Artilharia dos EUA em ação (Foto:Getty Images)

A alegria da população local pelo fim da presença japonesa seria rapidamente substituída pela dura realidade da luta de interesses entre os dois blocos ideológicos, que travariam nesse território o pior conflito da Guerra Fria, na qual morreriam até 2,5 milhões de civis mortos, mais 550 mil militares em ambos os lados.

Ao norte do paralelo, os soviéticos trataram de rapidamente implementar a doutrina comunista nos campos político e econômico, enquanto no sul a Organização das Nações Unidas (ONU), capitaneada pelos Estados Unidos, promoveu, em 1948, eleições que tiveram como resultado a vitória de um candidato simpático aos interesses americanos.

A divisão do país acelerou-se e, em agosto daquele ano, debaixo de muito ressentimento de lado a lado, nasciam a República da Coreia (Coreia do Sul) e a República Democrática Popular da Coreia (Coreia do Norte).

Questão de tempo

Para o ex-líder da nova república comunista, Kim Il-sung, a reunificação do país era uma questão de tempo. Amplamente auxiliado por armas e instrutores soviéticos, Kim criou uma máquina de guerra, o Exército Popular da Coreia do Norte (EPCN), que tentaria resolver à força o que a diplomacia não havia conseguido.

Contando com 135 mil homens, reunidos em oito divisões, 150 unidades do veterano, mas ainda eficiente, tanque soviético T34, diversas peças de artilharia e vários caças-bombardeiros, o EPCN era, em meados de 1950, muito superior ao seu rival sul-coreano.

Do outro lado do mundo, no dia 25 de junho daquele ano, alheio às maquinacões de Kim, o norueguês Trygve Lie, o primeiro secretário-geral da ONU, foi despertado, às 3 horas da madrugada nova-iorquina, pelas chamadas insistentes de seu telefone. Um representante do governo dos Estados Unidos procurava-o para comunicar-lhe que o exército norte-coreano havia cruzado um dia antes o paralelo 38 e marchava rapidamente em direção a Seul, a capital sul-coreana. O governo americano exigiu que Lie reunisse imediatamente o Conselho de Segurança e tratasse da questão como uma séria ameaça à paz mundial.

Contra a vontade soviética, que protestava, entre outras coisas, pelo fato de a República Popular da China ser representada por um embaixador de Taiwan, e não por um enviado do governo comunista de Mao Tsé-tung, o conselho se reuniu no início da tarde daquele mesmo dia para condenar as ações norte-coreanas e exigir o retorno de suas forças militares acima do paralelo 38.



O tanque soviético T34 (Wikimedia Commons)



Após a invasão do exército norte-coreano, milhares de sul-coreanos fugiram (Wikimedia Commons)

Absolutamente ignorado pelo governo de Kim Il Sung, o conselho voltaria a se reunir dois dias depois para aprovar uma proposta americana: “fornecer toda assistência necessária à República da Coreia para repelir o ataque e restabelecer a paz e a segurança internacionais na área”.

Plano de emergência

Enquanto aguardavam as deliberações diplomáticas, os americanos já montavam seu plano de emergência para intervir na península, com ou sem a aprovação da ONU. Eles não admitiriam sob nenhuma hipótese que os soviéticos pudessem ter na Ásia uma área de influência que fosse além do paralelo 38 coreano. Não seria preciso, contudo, contrariar a vontade da maioria.

A exemplo do que fariam 41 anos mais tarde, no Iraque, os Estados Unidos conseguiram liderar uma coalizão internacional, que contou com o apoio de 53 países na Assembleia Geral e a participação ativa de 20 deles no confronto armado que se desenhava. Ingleses, canadenses e australianos formariam o grosso do contingente auxiliar de 45 mil homens que se somaram aos 300 mil americanos enviados para a península asiática.

A intenção dos norte-coreanos era transformar sua invasão em um fato consumado muito antes de qualquer reação internacional. Em pouco mais de um mês, eles haviam empurrado o Exército sul-coreano e as tropas americanas baseadas no Japão, que vieram em seu auxílio, para um perímetro pouco maior do que 150 quilômetros quadrados em torno da cidade portuária de Pusan.

O ex-presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, designou um herói da Guerra no Pacífico para comandar a reação. Douglas MacArthur, um especialista em invasões anfíbias, manteve-se fiel a suas convicções e informou ao ex-presidente e a seus subordinados no comando militar da ONU que a estratégia seria um desembarque de tropas na cidade de Inchon, próxima a Seul, com o objetivo de cortar as comunicações entre as tropas do EPCN que cercavam Pusan e sua retaguarda em território norte-coreano.



O General Douglas MacArthur em 1950 (Wikimedia Commons)

O plano deu certo e, em 27 de setembro, exatamente 12 dias após o início das operações em Inchon, a capital sul-coreana era declarada livre da presença comunista. Uma semana depois da reconquista de Seul, com o

colapso do EPCN ao sul do paralelo 38, Truman autorizava a invasão do norte. Agora, eram os americanos que queriam liquidar a guerra em tempo relâmpago e implantar em toda a Coreia um regime pró-Occidente.

Preocupados em desmoralizar os soviéticos com a aniquilação do EPCN, os americanos esqueceram-se de considerar uma outra variável na equação daquela guerra. No dia 2 de outubro, o ministro do Exterior chinês, Chu-En-lai, enviou um curto e objetivo recado para o mundo. Se o paralelo fosse cruzado em direção ao norte, os chineses interviriam.



Conflitos nas ruas de Seul (Wikimedia Commons)

Embragadas pelo gosto da vitória que lhes parecia muito próxima, as tropas da ONU não só cruzaram a linha imaginária como também levaram os combates para as cercanias do rio Yalu, na fronteira entre a Coreia e a China. Dois meses depois, o general MacArthur ordenava a seus homens que formassem uma linha de defesa no mesmo paralelo 38 para resistir ao avanço de 300 mil chineses que investiam furiosamente contra seu exército.

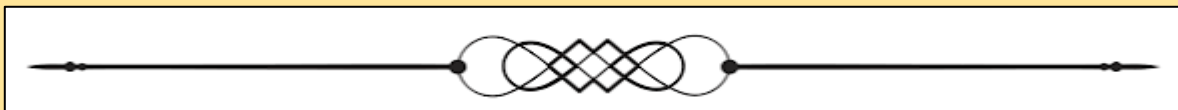
Sucessão de ataques

A partir desse momento, o conflito se transformaria numa sucessão de ataques e contra-ataques que levariam MacArthur a defender publicamente a guerra total contra os chineses, mesmo que isso implicasse o emprego de artefatos atômicos. As opiniões do general contrariavam frontalmente o ponto de vista do ex-presidente Truman, que não queria aniquilar o comunismo e muito menos travar uma guerra mundial, consequência temida, caso a China fosse invadida.

Sua intenção era apenas conter a expansão da influência soviética no Oriente. Como subordinado direto de Truman, MacArthur perdeu o emprego, e a guerra seguiu na Coreia conforme os desígnios do presidente: buscar uma paz honrosa ou um armistício.

De fato, ainda no ano de 1951, as conversações de paz tiveram início, mas enquanto os diplomatas não chegavam a um acordo, os homens de farda viram a eletrizante guerra de movimento transformar-se em uma infundável guerra de trincheiras, que se arrastaria pelas cercanias do paralelo 38 até o dia 27 de julho de 1953, quando o armistício finalmente foi assinado.

Tecnicamente, a Guerra da Coreia jamais terminou, mas ao final do conflito a situação que a gerara em nada havia mudado: na península do sudeste asiático continuava a existir um povo e dois países.



VOCÊ SABE A ORIGEM DO NOME DA CAPITAL BAIANA?

- O nome Cidade do Salvador -

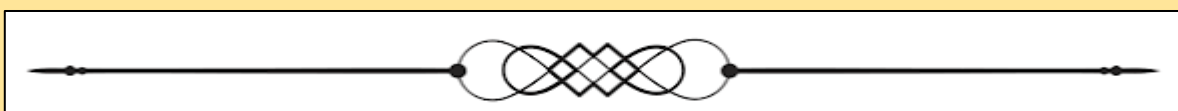
Foi em nome de São Salvador do Mundo que Thomé de Souza dedicou a Fundação da Cidade, pelo que a denominou - CIDADE DO SALVADOR - e não São Salvador, como se lê nos escritos dos modernos documentos, enquanto que nos sermões do Padre Antonio Vieira, nas Bulas Pontifícias, nas Cartas Régias e em cronografias antigas é denominada CIDADE DO SALVADOR; e lá está sobre o arco cruzeiro do Colégio de Jesus, hoje Catedral, a imagem colossal de Jesus, Salvador do Mundo, com as três letras: I.H.S.

A Cidade de Salvador foi fundada e instalada em 24 de junho de 1549.

O gentílico é soteropolitano, ou salvadoreense.

(Fonte do livro: "Bahia Encantada" - autor: Ricardo Manocal")

<http://bahiatextos.blogspot.com/2010/08/fatos-historicos-da-memoria-da-bahia.html>



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br e
www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>